

FIGURAÇÃO  
E SITUAÇÃO  
DE RELATO  
EM  
VIDAS SECAS

Eduardo  
Peñuela  
Cañizal

*La grammaticalisation de la manifestation serait une chose excellente si les fonctions de signification et celles de communication étaient nettement distinctes. Malheureusement, les structures de communication, quoi qu'en disent certains, signifient, et les structures de signification, nous l'avons bien vue. s'arrangent pour communiquer: il en résulte des distorsions continues du discours. - GREIMAS.*

*Tel est le statut vertigineux du narrateur proustien: invité, non comme Nathanael à 'jeter ce livre, ' mais à le réécrire, totalement infidèle et miraculeusement exact, comme Pierre Ménard inventant mot pour mot le Quichotte. Chacun comprend ce que dit cette fable, passée de Proust à Borges, et qui s'illustre parfaitement dans les petits salons de la Maison Nucingen; le véritable auteur du récit n'est pas seulement celui qui le raconte, mais aussi et parfois bien, davantage, celui qui l'écoute. Et qui n'est pas nécessairement celui à qui l'on s'adresse: il y a toujours du monde à côté. — GENETTE.*

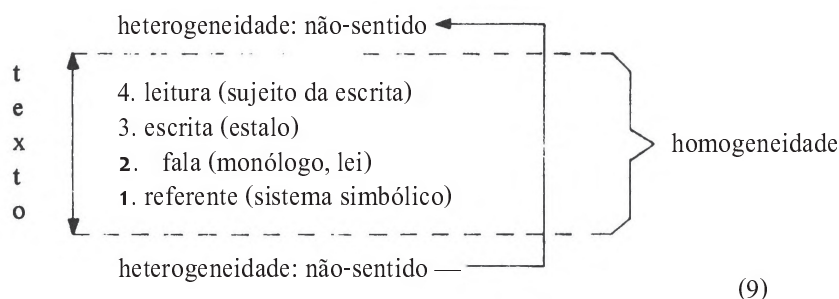
As aberturas de significação decorrentes da ambigüidade das mensagens literárias não são entidades utópicas cuja existência lhes seja garantida pela infabilidade. Ao contrário, elas são sentido e, por serem isso, as suas formas concretas devem ser apreendidas nos diversos lugares semióticos do texto em que se manifestam. Mas a polissemia da ambigüidade depende também das posições que esses lugares ocupem no espaço do metatexto, pois, pensar o texto como um espaço cultural, *demande de considérer toute une problématique de la lettre (des lettres), de l'espace politique et poétique qu'elle prépare à l'objet linguistique, et de la formation sociale donnant lieu à l'inscription spécifique de tel espace lettré dans le mouvement de sa (sémiotique) dialectique. (1)*

Os modelos clássicos da semiótica da narrativa- Propp, Bremond, Greimas- possuem como denominador comum uma concepção estruturalista do texto. A descrição se fundamenta, no dizer de Viggo (2), num procedimento redutivo/estruturante com a finalidade de estabelecer uma representação estratificada do texto, um esquema constituído de níveis textuais reciprocamente correlatos. O relacionamento entre os elementos dos níveis textuais fixados pode ser descrito como uma relação redutivo/articulativa. Em virtude disso, o *caractère des niveaux textuels en tant que relation d'une essence ;phénomène se voit investi de conséquences importantes pour une auto-*

*compréhension de l'analyse sémiologique, notamment en rapport avec la narratologie qui, prise dans le sens le plus large du terme, peut être considérée comme une description des aspects dynamiques du texte.* (3) No caso do discurso literário o ativismo das instâncias do texto se deixa entender no desenho de uma vertical operatória construída com a integração das unidades dos diferentes níveis do texto. Essa integração pode ser feita a partir das unidades de comunicação utilizadas na formação de contextos lingüísticos. Esse processo, porém não permite a criação de uma plataforma sólida de onde explorar com sucesso considerável o universo da ambigüidade. Tudo nesse universo é envolvido por uma atmosfera densa. Uma "«monagem, por exemplo, não é *une représentation réaliste, une copie liée, telle que la peinture figurative pourrait nous en donner l'idée; c'est une scène occupée par des blocs de sens, à la fois variés, répétés et discontinus (cernés); de l'arrangement (rhétorique, anatomique et phrastique) de ces blocs, surgit un diagramme du corps, non sa copie (en quoi le portrait reste entièrement soumis à une structure linguistique, la langue ne connaissant que des analogies diagrammâtiques: des analogies, au sens étymologique: des proportions): le corps du viellard ne se "détache" pas comme un référent réel sur le fond des mots ou du salon; il est l'espace sémantique lui-même, il devient espace en devenant sens. Autrement dit, la lecture du portrait réaliste n'est pas une lecture "réaliste!" c'est une lecture cubiste: les sens sont des cubes, entassés, décalés, juxtaposés cependant mordant les uns sur les autres, dont la translation produit tout l'espace du tableau, et fait de cet espace même un sens supplémentaire (accessoire et atopique) celui du corps humain: la figure n'est pas le total, le cadre ou le support des sens, elle est un sens de plus: une sorte de paramètre diacritique.* (4) Perfurar a opacidade dessa atmosfera que envolve os lugares semióticos do universo do texto requer, conseqüentemente, o levantamento de uma plataforma mais firme. Chegar até os blocos de sentido exige um instrumental metalingüístico capaz de fornecer ao sujeito da leitura condições indispensáveis à criação de um espaço semântico em que possam ser observadas unidades diferentes das unidades de comunicação. (5)

A ambigüidade, do ângulo que seja examinada, se transforma em sentido quando situada no espaço em que se imbricam elementos da linguagem da literaturidade e da metalinguagem. E esse espaço não é precisamente o do significante do signo lingüístico onde se demarcam as unidades de comunicação, isto é, as dimensões das unidades lexemáticas. É no espaço semântico em que se localizam os efeitos do confronto entre a denotação e a conotação do texto: aí o leitor deve surpreender os efeitos de sentido. Pois nele cabem dinamismos de significado provenientes tanto das relações constitutivas do signo quanto das relações constitutivas de uma situação de relato. (6)

A situação de discurso abre ampla problemática à semiótica. Não é nossa intenção entrarem seus pormenores. Tendo em vista os objetivos deste trabalho-configuração do espaço semântico em que se manifesta um conflito entre o narrador e as personagens de *Vidas Secas*, interessa expor apenas alguns princípios teóricos com que legitimar a inclusão de componentes da situação de relato na homogeneidade espacial do texto. E isso porque, a nosso ver, narrador e narratário são elementos constituintes do homotexto (7). Para uma leitura semiótica, mesmo que esta se realize sobre um texto objetivado (8), o narrador e o narratário não devem ser relegados, em nome de discutíveis princípios de pertinência, a essa heterogeneidade extra-textual que se visualiza neste esquema:



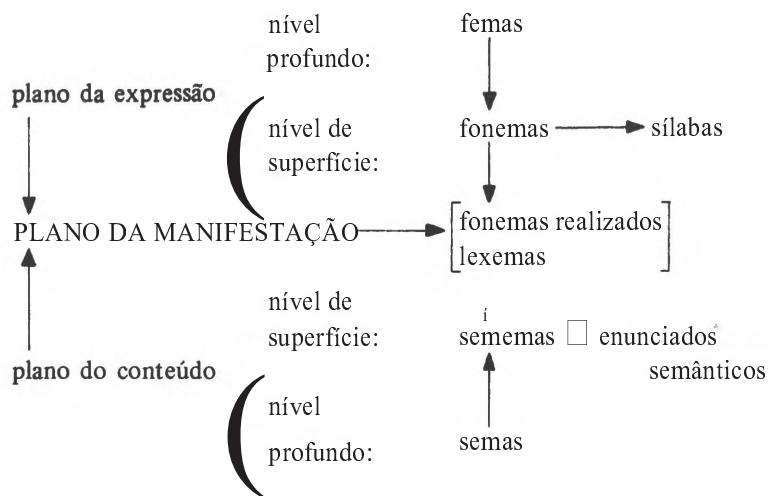
Linguistas e semiólogos passaram — com insistência nestes últimos anos — a ocupar-se do que Benveniste chamou **subjectivité dans le langage** (10). No caso da comunicação narrativa, a subjetividade pode ser veiculada pelos signos da narratividade, isto é, por esse conjunto de *opérateurs qui réintègrent fonction et actions dans la communication narrative, articulée sur son donateur et son destinataire*. (11) Neste particular, há fenômenos de semiose que constituem, no parecer de Roland Barthes, signos do narrador e do narratário (12). Desse ponto de vista, toda situação de relato justifica uma leitura em que se englobam fatores oriundos dos trabalhos de montagem e desmontagem realizados pelo narrador e pelo narratário respectivamente. Formalizar a leitura nos moldes de uma crítica semiótica nada mais é do que a construção de um metatexto. Pois é nele que acham lugar certos componentes textuais não explicitados lexicamente mas que se projetam no plano do conteúdo dos sistemas segundos ou de conotação. Um exemplo típico, no caso do discurso narrativo de **Vidas Secas**, resulta da descoberta, por parte do narratário, de actantes suscitados pelas unidades funcionais ou qualificativas de mensagens semânticas do tipo **F/A** ou **Q/A** (13) cujos atores, presentes em coberturas lexicáticas, quando confrontados com os actantes suscitados e ausentes dessas coberturas lexicáticas, geram cenas carregadas de ambigüidade (14). Da perspec-

tiva do narrador, o autêntico destinatário desse tipo de mensagens semânticas é precisamente o actante ausente das unidades de comunicação propriamente ditas. Entende-se assim que na homogeneidade espacial de uma situação de relato se juntam duas atividades: de um lado, a elaboração estilística incessante do narrador e, de outro, a tarefa de redução levada a efeito pelo narratário numa espécie de *desestilização* necessária (15). Em resumo, da margem do narrador as personagens são objetos textuais, ao passo que da margem do narratário essas mesmas personagens constituem objetos metatextuais. Essa diferença fundamentalmente operatória, desencadeia dinamismos sobre os quais a leitura poderá atingir os sistemas de significação (16). Neste ponto, parece legítimo concluir que tanto o narrador quanto o narratário são meta-sujeitos transformadores.

Estudando os enunciados de estado, Greimas assinala duas modalidades: a conjuntiva e a disjuntiva. O desenvolvimento da fábula se concretiza na passagem de uma a outra modalidade. Mas a mudança *ne peut se faire que par la sommation d'un méta-sujet opérateur, dont le statut formel ne s'explique que dans le cadre d'un énoncé de faire du type:*

F transformation (Sj — □ Oi)

*ou Si le sujet opérant la transformation et O] est l'énoncé d'état auquel aboutit la transformation.* (17) Deslocando para os processos de enunciação esse princípio, o narrador pode ser encarado como um sujeito operador que transforma o estado paradigmático de um ou mais sistemas signos em estado sintagmático. A narração é, por conseguinte, um fazer e um saber fazer do narrador (□) qual, assumindo o papel de meta-sujeito, deixa no texto os signos da narrativa em que se configuram as transformações. O narratário, por sua vez, percorre, mesmo que em direção inversa, esse mesmo itinerário para chegar a signos em que pautar a legibilidade. Em outras palavras, o narrador tece um sistema de significação ao semantizar elementos sintáticos para que estes se projetem em modalidades de manifestação. O narratário, conseqüentemente, poderá estabelecer unidades sememáticas valendo-se de classemas instaurados pelos processos de enunciação e de figuras nucleares impostas pelos enunciados. Os sememas resultantes dessa combinatória incluem, por conseguinte, elementos da situação de relato no plano da manifestação, nesse lugar semiótico que se visualiza neste esquema de Greimas (18):



Em **Vidas Secas**, o narrador, aparentemente, se ausenta da estória por ele forjada. Mas essa ausência, vista em relação aos níveis do discurso narrativo, gera já nos primeiros contactos com a obra, ambigüidades que dificultam a tarefa de atribuir qualificação metalinguística ao narrador. Este não se encarna em nenhuma personagem e, conseqüentemente, não participaria da esfera das ações. Mas ao formalizar um relacionamento disjuntivo com algumas personagens — como se verá mais adiante — o narrador é parte atuante de uma relação integrativa. Se tomarmos como padrão classificatório a matriz construída por Genette (19)

RELACÃO	NÍVEL	
	Extradiegético	Intradiegético
Heterodiegética		
Homodiegética		

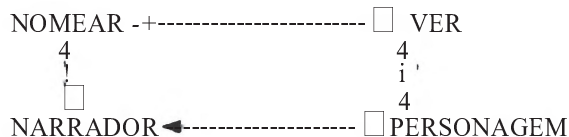
podemos verificar que o narrador de **Vidas Secas**, no que diz respeito à relação com a obra, preenche todos os requisitos indispensáveis a um relacionamento heterodiegético. Já no tocante ao nível, a posição do narrador oscila entre o extradiegético e o intradiegético, com sutil propensão para o intradiegético. Essa propensão não se instaura pela participação do narrador nos acontecimentos do relato, como em **São Bernardo**, por exemplo; ela se legitima através de um mecanismo de virtualização (20) de que se vale o sujeito da enunciação para montar situações de conflito.

Já no início do romance - *Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro,*

*estavam cansados e famintos Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga. (21)* -é possível constatar duas isotopias: de um lado, a preocupação do narrador com a **maneira de dizer**, de outro, a preocupação de caráter instintivo das personagens que pode ser resumida no **ato de ver**. Com o intuito de organizar uma linha sobre a qual seja viável uma leitura semiótica, optamos por uma seleção de contextos lingüísticos onde ganharam expressão as duas isotopias. O critério de que nos valemos para\* identificar cada uma das isotopias é o seguinte: os contextos em que a organização lexicômica obedece às exigências determinadas pela função retórica (22) constituem a **isotopia do dizer** e aqueles cuja unidade funcional se expressa em lexemas como **ver** e **olhar** — e suas respectivas variantes — constituem a **isotopia do ver**. Posto isso, podemos traçar a hipótese:

$$\frac{\text{DIZER}}{\text{Opacidade}} \cong \frac{\text{VER}}{\text{Transparência}}$$

O **dizer** e a **opacidade**, o **ver** e a **transparência** estabelecem, respectivamente, relações sobre o eixo do contraste; mas essas dicotomias se opõem entre si sobre o eixo das oposições. A estrutura lógica que subjaz a essa relação de contradições homologadas, traçada com o auxílio do modelo constitucional greimasiano, é a seguinte:



A estrutura lógica legítima, para o caso de **Vidas Secas**, um sistema de significação cujas particularidades significativas dependem de duas dêixis constituídas respectivamente pelos termos polares **nomear-narrador** e **ver—personagem**. Essas duas dêixis tornam possível uma leitura organizada sobre dois paradigmas básicos cujo investimento no plano da manifestação permite uma invariante de leitura extremamente funcional para o narratário da situação de relato de **Vidas Secas**. (23)

Uma leitura atenta do trecho acima transcrito coloca o leitor diante de uma das características básicas do romance de Graciliano Ramos: ao nível funcional a fábula não anda; o discurso narrativo avança unicamente por causa da expansão de unidades de outros níveis. A função de **carência** se repete constantemente em todo o romance formando uma espécie de monótona cantilena. As diferentes modalidades da função—carência de descanso, carência

de alimentos, carência...-servem apenas para ressaltar a força dessa monotonia. A integração entre unidades do nível funcional e do nível da ação realça a importância das motivações. Num ambiente de..oladoramente árido toda carência encontra justificativa. São realmente abundantes os contextos lingüísticos organizados em torno dos lexemas **olhar e ver**. Transcrevemos alguns exemplos: *Fazia tempo que não viam sombra*, (p. 46); *Fabiano seguiu-a com a vista e espantou-se: uma sombra passava por cima do monte*. (p. 47); *Olhou em tomo, com receio de que, fora os meninos alguém tivesse percebido a frase imprudente*, (p. 53); *Alcançou o pátio, enxergou a casa baixa e escura, de telhas pretas, deixou atrás os juazeiros, as pedras onde se jogavam cobras mortas, o carro de bois*. (p. 61). *Chegou à porta, olhou as folhas amareladas das catingueiras*. (p. 81); *Aproximou-se do chiqueiro das cabras, viu o bode velho fazendo um barulho feio com as ventas arregaçadas...* (p. 87); *Ergueu-se, afastou-se, quase livre da tentação, viu um bando de periquitos que voava sobre as catingueiras*. (p. 89); *O menino mais novo bateu palmas, olhou as mãos de Fabiano, que se agitavam por cima das labaredas, escuras e vermelhas*, (p. 107); *Fabiano percorreu o alpendre, olhando a baráúna e as porteiras, açulando um cão invisível contra animais invisíveis...* (p. 129); *Espalhou vista pelos quatro cantos. Além dos telhados, que lhe reduziam o horizonte, a campina se estendia, seca e dura*. (p. 139) *Fizeram alto. E Fabiano depôs no chão parte da carga, olhou o céu, as mãos em pala na testa. Arrastara-se até ali na incerteza de que aquilo fosse realmente mudança*, (p. 162). O olhar, sem dúvida alguma, rege a esfera de ação das personagens. Com ele se chega até o mundo do concreto. Um mundo feito de formas visíveis e, por isso mesmo, de fácil identificação. Tudo quanto penetra através do olhar é compreensível; para estas personagens o que não é visível fica fora do inteligível: *Fabiano tomou a esfregar as mãos e iniciou uma história bastante 'Confusa, mas como só estavam iluminadas as alpercatas dele, o gesto passou despercebido. O menino mais velho abriu os ouvidos, atento. Se pudesse ver o rosto do pai, compreenderia talvez uma parte da narração, mas assim no escuro a dificuldade era grande*, (p. 1031). Em resumo, a dêixis **ver—personagem** acolhe integralmente os **semas figurativos** que venham a ser investidos no plano da manifestação.

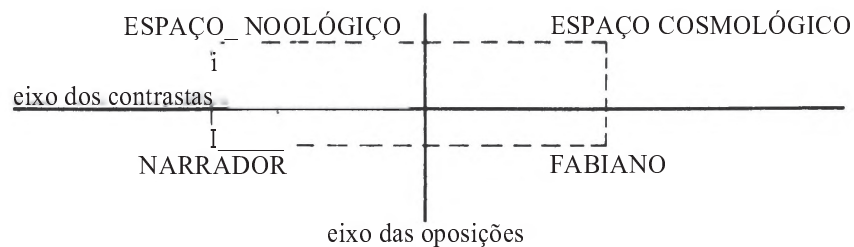
A função retórica conduz o narratário até os signos do narrador. No começo, os juazeiros são duas **manchas verdes**; mais tarde, **sombra**. A distância entre esses dois lexemas acomoda um espaço literário em que se instalam, de um lado, os efeitos expressivos do ato de nomear e, de outro, a perspectiva resultante de um ato de ver. **Dois manchas verdes**, enquanto resultado de uma denominação em que se ocultam total ou parcialmente os valores referenciais dos entes nomeados, representam o plano expressivo de um sistema de conotação. Criou-se, com o auxílio da **parole seconde**, um objeto

semiótico cuja textura é suficientemente densa para impedir sejam vistos com nitidez os referentes colocados atrás dela. No contexto lingüístico em que se combinam os lexemas dessa construção, duas manchas verdes se reportam, em primeiro lugar, a um signo que faz parte da contiguidade e, dessa maneira, veiculam um processo metonímico. Mas o termo verdes, num contexto que ultrapassa os limites da frase, além de opor-se a sombra, substitui elementos de um paradigma cujos conteúdos semânticos transcendem o âmbito do lingüístico. Verdes instaura um processo metafórico. Outro tanto ocorre com sombra. O sujeito enunciante, o narrador heterodiegético de *Vidas Secas*, se vale, com freqüência, desses recursos retóricos: *Os outros brancos eram diferentes. O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão*, (p. 58); *Levantou-se e caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava*, (p. 63); *Labaredas lamberam as achas de angico, esmoreceram, tomaram a levantar-se e espalharam-se entre as pedras*, (p. 76). *Ao escurecer a serra misturava-se com o céu e as estrelas andavam em cima dela*. (p. 100); *Virou-se, os pedaços de Fabiano sumiram-se. O brinquedo se quebrara, o pequeno entristecera vendo as peças inúteis*, (p. 108); *Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio, quatro sombras no caminho estreito coberto de seixos miúdos...* (p. 161). O narrador, como se pode observar em quase todos os exemplos transcritos, não se detém na elaboração requintada de figuras retóricas. Tudo parece extremamente simples. Expressar a simplicidade, porém, exige mais retórica do que se imagina. A dêixis dizer—narrador favorece a manifestação de semas contextuais.

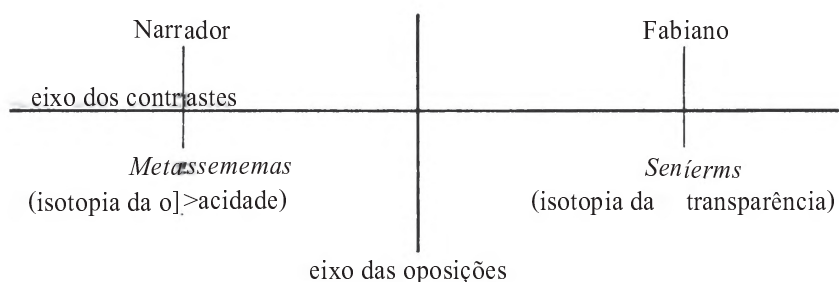
A leitura de mensagens semânticas em que se projetam as duas dêixis assinaladas pressupõe, por parte do narratário, um trabalho de concatenação de unidades sememáticas. *Les sémèmes constituent, en effet, le plan fondamental de la manifestation, que Von peut identifier avec la langue-objet des logiciens. Les métasémèmes ne se situent pas sur ce plan: ils le présupposent, au contraire, en présupposant du même coup le niveau sémiologique.* (24) Seguindo essa linha de raciocínio, é possível afirmar que a dêixis dizer—narrador, ao privilegiar no plano da manifestação a combinatória de classemas, relega a um plano secundário o nível semiológico. Em outras palavras: as unidades metassememáticas tecem um sistema de significação em que se estrutura o eixo semântico da opacidade. Em contraposição, a deíxis ver—personagem dá relevância ao nível semiológico e com isso beneficia, no plano da manifestação, a presença dos semas figurativos.

À vista do **exporto** e considerando a oposição narrador—sujeito da enunciação vs Fabiano—sujeito do enunciado, o narratário poderá sistematizar sua leitura com base no seguinte esquema:





Do ponto de vista semântico, o esquema, em princípio, representa um modelo do universo imanente de **Vidas Secas**. Para Greimas *às règles de construction de l'univers immanent doivent correspondre des règles de génération de l'univers manifesté*. (25) E sendo o universo imanente um conjunto de categorias sêmicas que pode ser dividido em dois subconjuntos - um subconjunto E, constituído por semas nucleares, e um subconjunto I, constituído por classemas -, deduz-se que o narrador se contrapõe à personagem assim como o interoceptivo se opõe ao exteroceptivo. Transpondo as regras do universo imanente ao processo de manifestação, teríamos



O que permite estabelecer uma regra de leitura que, aplicada a mensagens semânticas do tipo F/A/ ou Q/A/, poderá ser de grande utilidade pondo em relevo sentidos particulares da comunicação narrativa em **Vidas Secas**. Vejamos, a título de ilustração, o funcionamento dessa regra.

Nas unidades sememáticas se efetua a articulação do nível semiológico — figuras nucleares — com o nível semântico - classemas —. No contexto *Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes.*, **juazeiros** é um lexema em que se podem investir alguns semas do seguinte quadro:

espacialidade dimensionalidade verticalidade horizontalidade  
 perspectividade lateralidade superatividade inferatividade

Partindo do princípio de que o texto narrativo é concebido como uma combinatória em que se integram três níveis, os classemas podem originar-se em qualquer um dos três níveis. O classema emissor pode provir do nível da narração ou do nível actancial. No primeiro caso, relaciona-se com o sujeito da enunciação e, no segundo, com o actante sujeito. Isso levaria a duas formulações: 1) do ângulo da enunciação, a unidade discreta que constitui uma forma do conteúdo do termo juazeiros seria =

dimensionalidade	+	emissor
Sema		Classema

desde que se entenda o classema como pertencente ao subconjunto I;  
 2) do ângulo do enunciado, teríamos

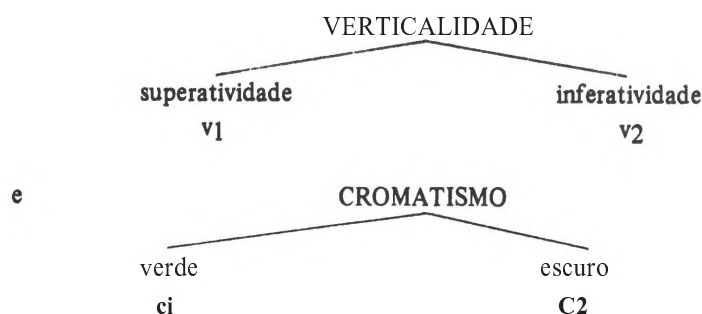
dimensionalidade	+	emissor
Sema		Classema

desde que se entenda que na outra unidade discreta da mensagem semântica — manchas verdes — se manifesta o classema emitido. Ocorre, no entanto, que reduzindo o contexto transcrito a uma mensagem semântica do tipo Q/A/, teríamos

alargavam / juazeiros, duas manchas verdes /			
<b>Q</b>	<b>Ai</b>	<b>A2</b>	

o que acarretaria, levando em conta as duas formulações acima assinaladas, duas possibilidades de leitura. Da perspectiva da enunciação - que é a que interessa destacar por uma questão estratégica — a unidade qualificativa alargavam suscita um actante — o destinatário - que não encontra cobertura lexemática em nenhuma das unidades comunicativas componentes da cadeia discursiva. Mas como na unidade qualificativa se define a participação do narrador através da função retórica, os classemas pertencentes à categoria do interoceptivo instauram um sistema de conotação cujo conteúdo suscita um actante destinatário ausente: a esperança, no caso. Em Vidas Secas, o sujeito da enunciação - um meta-sujeito transformador — transmuta, com relativa freqüência, as unidades sememáticas em unidades metassememáticas. Mediante esse processo — não se esqueça que toda a sistematização até agora realizada é trabalho metalingüístico do narratário - ele cria um mecanismo de virtualização em que se configuram cenas de conflito entre narrador e personagem.

Em *Fazia tempo que não viam sombra* temos, considerando o termo **sombra** uma combinat6ria de semas heterog6neos provenientes de



que instauram, ao articular-se com classemas, uma unidade sememática do tipo

$(v2 + C2) +$  classema exteroceptivo

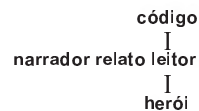
quando a leitura se realiza na dêixis ver — personagem; e uma unidade classemática do tipo

$(V2 + C2) +$  classema interoceptivo

quando a leitura se realiza na dêixis dizer — narrador. Conclui-se dessa formulação que o conflito entre o narrador e Fabiano se desenha, no meta-texto em que o narratário formaliza a sua leitura, como um mecanismo através do qual se opõem, nas mensagens semânticas, dois processos conjuntivos que, por sua vez, instituem uma disjunção: 1) a unidade sememática articula os semas figurativos com classemas para ressaltar o figurativo; 2) a unidade metassememática anula o figurativo ou, em outras palavras, realça o não-figurativo. Nessa oposição se configura o conflito, no plano da expressão, entre o narrador e a personagem Fabiano. Compreende-se que *sombra*, para a Personagem, possua um valor de euforismo; para o narrador, em contrapartida, *sombra* conota morte. O conflito assinalado coloca o narratário diante de um sistema de significação que, se submetido a uma leitura minuciosa, poderá deixar a descoberto alguns dos traços mais originais da obra de Graciliano Ramos. (26).

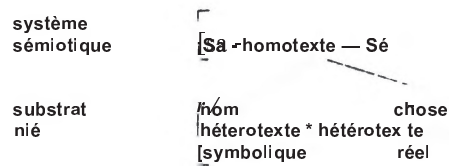
(1) Brandt, Per Aage — "La pensée du texte (de la littéralité de la littéralité)", in Charles Bouazis et alii — *Essais de la théorie du texte*, Paris, éditions Gallié, 1973, p. 185.

- (2) Cf. Roder, Viggo: - "Sémiotique du conte" in Poétique, 6, The Hague, Mouton, 1972, p. 53/54.
- (3) Roder, Viggo: op. cit. p. 54.
- (4) Barthes, Roland: *S/Z*, Paris, Seuil, 1970, p. 67/68.
- (5) "La procédure qui, logiquement, suit la constitution du corpus consiste dans la transformation du corpus en texte. Le corpus, en effet, est une séquence délimitée du discours et, en tant que tel, ne peut être qu'une manifestation logomachique, dont il ne faut retenir qu'une des isotopies choisies. Nous entendons donc par texte (et, ce qui revient au même, par métatexte) l'ensemble des éléments de signification qui sont situés sur l'isotopie choisie et sont enfermés dans les limites du corpus." Greimas A.J.:— *Sémantique Structurale*. Paris, Seuil, 1966, p<sup>a</sup> 145. O presente trabalho possui um caráter introdutório e, em razão disso, não tivemos uma preocupação maior no que diz respeito à organização do corpus. Quanto à isotopia escolhida, poderíamos lembrar que a significação pode ser abordada de vários ângulos, dependendo, é claro, do nível teórico em que nos situemos: a) a significação pode ser entendida como semiose, isto é, como um relacionamento entre a forma da expressão e a forma do conteúdo; b) apreendida na homogeneidade do espaço textual desde que nele se inclua uma situação de relato; c) captada na transgressão do modelo signico, nesse terreno movido de uma semiótica do simbólico, tal como propõe Julia Kristeva em *La révolution du langage poétique*, Paris, Seuil, 1974. Este trabalho representa uma opção pela segunda alternativa; fica para outra oportunidade a terceira alternativa.
- (6) Elemer Hankiss, com base no pressuposto de que na comunicação literária alguns elementos da situação real de discurso desaparecem, propõe um modelo em que a necessidade semântica obriga o poeta a uma exploração especial das reservas léxicas e contextuais. O modelo de Hankiss, no entanto, não estabelece uma distinção precisa entre destinatário e leitor. Cf. Hankiss, Elemer:— "Meaning as a Source of Aesthetic Experience", in *Semiótica*, VI, 3, The Hague, Mouton, 1972. Para Gérard Genot, o caráter específico da "communication littéraire est d'être, paradoxalement, une communication disjonctive où la coprésence concrète des instances de la communication est annulée aussitôt que posée, qui ne peut être définie que comme constante projection d'une instance (ou d'un sous-système d'instances) sur une autre (ou un autre) à travers la seule instance matérielle stable, le message..." — "Sémantique et Sémiotique de l'impossible", in *Poetics*, 9, The Hague, Mouton, 1973, p. 99. Genot propõe uma apresentação antropológica.



onde é possível identificar instâncias que poderão fornecer critérios para uma abordagem tipológica da narrativa. A instância narrador-herói merece, no presente trabalho, maior destaque.

- (7) Per Aage Brandt, no ensaio já citado, estabelece a seguinte diferença entre objeto lingüístico e objeto semiótico: "La glossématique, pour générativisée qu'elle soit ou paraisse, a toujours simplement confondu homotexte et langage, pour rejeter l'hétérotexte dans la non-linguisticité. Langage et lexique s'équivalent. Analyse et classification lexicologique sont une même chose. Ce qui est renoncer à tout accès à la compétence proprement linguistique, dans la mesure où cette compétence échappe à la lisibilité homotextuelle. Au nom d'une science du langage — de cette compétence linguistique en général — il faut suspendre cette identification de l'homotexte avec l'objet linguistique. Le linguistique pénètre toute pratique dans la mesure où elle traverse un texte. On voit donc que la conception du langage comme sémosis, comme système de signes/figures, n'est plus pertinente; ce qui est sémosis, c'est l'objet sémiotique, l'homotexte et non pas l'objet linguistique. En tant que l'homotexte doit être pensé dans l'hétérotexte, l'objet sémiotique doit être pensé dans l'élément du linguistique en général. Si sémosis il y a, elle met en scène par trois fois le linguistique:



Analyser le langage veut dire ou bien examiner classiquement les catégories d'un homotexte socialement donné comme loi, idiome, code, ou bien étudier ce qui rend possible ce commerce, à savoir, les mécanismes linguistiques donnant lieu, compétence, à l'articulation discontinue textuelle. Cette compétence de discontinuité n'a jamais fait l'objet d'une étude sémiologique, et pour cause: le problème est autre, ailleurs." p. 195/196. Nosso propósito é evitar a disconti nu idade hete-ro-textual e, para isso, utilizamos o principio teórico sobre a semiose formulado por Greimas em "Les jeux des contraintes sémiotiques" in Du Sens-Essais Sémiotiques, Paris, Seuil, 1970, p. 140.

- (8) Cf. Greimas, A.J. — Sémantique Structurale, op. cit. p. 153/154.
- (9) Cf. Brandt, Per Aage:— "La pensée du texte", op.cit. p. 193. A espacial ida-de textual é amplamente estudada por Julia Kristeva em Le texte du roman, The Hague, Mouton, 1970, principalmente no capítulo intitulado La cosmogonie romanesque, pp. 177/187. Tivemos a intenção de evitar, neste trabalho, a problemática da significância e a teoria do sujeito proposta pela teoria do inconsciente e aproveitada por Julia Kristeva em La révolution du langage poétique, Paris, Seuil, 1974, cf. p. 22/30.
- (10) Veja-se Benveniste. E.: Problèmes de linguistique générale, Paris, PUF, 1966. 258/266 O próprio Greimas, em nome de uma normalização necessária à objetivação do texto, aconselha a eliminação do parâmetro da subjetividade, mas reconhece a possibilidade de transformar esse parâmetro em objeto de análise semiótica. Cf. Sémantique Structurale, op. cit. p. 153.
- (11) Barthes, Roland:— "Introduction à l'analyse structurale des récits" in Communications, 8, Paris, Seuil, 1966, p. 21.
- (12) "De même qu'il y a, à l'intérieur du récit, une grande fonction d'échange (répartie entre un donateur et un bénéficiaire), de même, homologiquement, le récit, comme objet, est l'enjeu d'une communication: il y a un donateur du récit, il y a un destinataire du récit. On le sait, dans la communication linguistique, je et tu sont absolument pré-supposés l'un par l'autre; de la même façon, il ne peut y avoir de récit sans narrateur et sans auditeur (ou lecteur). Ceci est peut-être banal, et cependant encore mal exploité. Certes le rôle de l'émetteur a été abondamment paraphrasé (on étudie l'auteur d'un roman, sans se demander d'ailleurs s'il est bien le narrateur), mais lorsqu'on passe au lecteur, la théorie littéraire est beaucoup plus pudique. En fait, le problème n'est pas d'introspecter les motifs du narrateur ni les effets que la narration produit sur le lecteur; il est de décrire le code à travers lequel narrateur et lecteur sont signifiés le long du récit lui-même. Les signes du narrateur paraissent à première vue plus visibles et plus nombreux que les signes du lecteur..." "Introduction à l'analyse structurale des récits" op. cit., p. 18/19.
- (13) Essas formulações constituem a sintaxe elementar da descrição. Cf. Sémantique Structurale, op. cit. p. 154/156. As mensagens semânticas são a projeção de um universo sintático imanente: "L'univers sémantique, manifesté sous forme de sémèmes, si on le considère comme la classe des classes, apparaît ainsi comme un univers syntaxique immanent, capable de générer des unités de manifestation plus grandes. Nous proposons de retenir le nom d'actant pour désigner la sous-classe de sémèmes définis comme unités discrètes, et celui de prédicat pour dénommer les sémèmes considérés comme unités intégrées. La combinaison d'un prédicat et d'au moins un actant constituera ainsi une unité plus grande, à laquelle on peut réserver le nom de message (que l'on précisera, chaque fois qu'il sera nécessaire, comme étant un message sémantique.)" - Sémantique Structurale, p. 122.
- (14) Claude Zilberber defende a tese de que as mensagens suscitam os actantes e não a inversa; ele analisa apenas as predicções qualificativas do texto poético. Veja-se Une lecture des Fleurs du Mal, Paris, Mame, 1972. A ambigüidade a que nos referimos surge de um desvio da energia de significação que articula, «s unidades qualificativas e as unidades discretas já que no caso é provável que tal mecanismo implante um sistema de conotação.
- (15) Sobre este assunto veja-se o trabalho de Tiekô Yamaguchi Miyazaki, publicado

- nesto mesmo número da revista, principalmente o item 1.4. Claude Zilberberg, na obra citada na nota anterior, resume o problema desta maneira: "D'une manière générale, si la part de l'auteur consiste dans une élaboration stylistique incessante, que appelle à elle seule une étude particulière, notre approche, qui est nécessairement une réduction, peut être conçue comme une destylisation." p. 7.
- (16) Sobre a semiótica e os sistemas de significação recomendamos a leitura do ensaio de Jean-Claude Coquet *Sémiotiques*, in *Langages*, 31, Paris, Didier, Larousse, 1973, p. 3/12.
- (17) Greimas, A.J. — "Un problème de Sémiotique narrative: les objets de valeur" in *Langages*, 31, op. cit. p. 20.
- (18) Transcrito por Per Aage Brandt, no ensaio já citado, p. 197.
- (19) "Si l'on définit, en tout récit, le statut du narrateur à la fois par son niveau narratif (extra- ou intradiégétique) et par sa relation à l'histoire (hétéro- ou homodiégétique), on peut figurer par un tableau à double entrée les quatre types fondamentaux de statut du narrateur: 1) extradiégétique-hétérodiégétique, paradigme: Homère, narrateur au premier degré qui raconte une histoire d'où il est absent; 2) extradiégétique-homodiégétique: paradigme: Gil Blas, narrateur au premier degré qui raconte sa propre histoire; 3) intradiégétique-hétérodiégétique - paradigme: Schéhérazade, narratrice au seconde degré qui raconte des histoires d'où elle est généralement absente; 4) intradiégétique-homodiégétique, paradigme: Ulysses aux Chants IX à XII, narrateur au seconde degré qui raconte sa propre histoire." Genette, Gérard - *Figures III*, Paris, Seuil, 1972, p. 255/256.
- (20) Partindo da forma mais simplificada do enunciado narrativo e levando em conta a sintagmatização dos valores, Greimas denomina realização ao processo transformador que estabelece a conjunção entre o sujeito e o objeto; e virtualização a aquele que opera a disjunção entre os dois termos. E conclui: "A ne considérer, par conséquent, que les transformations portant sur des fonctions constitutives d'énoncés d'état, la narrativité, dans sa forme simplifiée à l'extrême, apparaît comme un enchaînement syntagmatique de virtualisations et réalisations." — "Un problème de sémiotique narrative: les objets de valeurs", op.cit., p. 20.
- (21) Ramos, Graciliano: *Vidas Secas*, prefácio de Álvaro Lins, ilustrações de Aldemir Martins, 31 éd., São Paulo, Martins, 1973, p. 43. Nas seguintes citações de trechos do romance, indicaremos entre parêntesis apenas o número da página do trecho transcrito.
- (22) Seguimos os conceitos de função retórica formulados por J. Dubois e outros em *Rhétorique Générale*, Paris, Larousse, 1970.
- (23) Trataremos, no presente trabalho, de maneira muito sucinta de algumas unidades sememáticas; projetamos um estudo mais amplo onde pretendemos comparar a obra de Graciliano Ramos com o filme de Néelson Pereira dos Santos. Sobre a problemática da fábula conotada, a que aludimos em algumas páginas deste ensaio, veja-se Lopes, Edward e Cañizal, E.P. — "Níveis de leitura da linguagem literária" in *Bacab-Estudos semiológicos*, S.J.Rio Preto, Planalto, 1971. Os contextos utilizados para constituir um corpus reduzido são fruto de um corpus maior resultante de reiteradas leituras deste romance, uma delas publicada em 1966 — "Matéria e forma no romance", in *Revista de Letras, Assis*—, embora fundamentada em outros princípios teóricos.
- (24) Greimas, A.J. — *Sémantique Structurale*, op. cit. p. 107.
- (25) *Idem*, p. 108.
- (26) O que fizemos nestas páginas não passa de uma simples introdução em que se prepara o terreno para uma leitura semiótica. O moderado euforismo retórico utilizado pelo narrador de *Vidas Secas* merece análise mais pormenorizada na qual o narratário trace um metatexto onde se torne ilegível o conflito entre o narrador e essa personagem que às vezes "utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos — exclamações, onomatopéias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas." (p. 55)

The Author analyses the Narrator's role in the narrative situation as seen from the viewpoint of rhetorical function. It is possible, from this position, to verify the Narrator's interferences in the discourse at the level of the semematic units as identified by A.J. Greimas. As the subject of the enunciation, the Narrator of *Vidas Secas* (a novel of Graciliano Ramos) alters the figurative elements of the semematic units; in contrast, Fabiano, the main character, as the subject of the enunciated, is governed by these figurative elements. The object of the study is to distinguish the conflict between the subject of the enunciation and the subject of the enunciated at the level of the semematic units.

L'auteur prend la fonction rhétorique pour un jeu sur le sens. À partir de cette constatation, il analyse le rôle du Narrateur en situation de récit dans le roman *Vidas Secas*. Il cherche à formaliser sur le plan de la manifestation aussi bien les traits sémantiques liés au sujet de l'énonciation que les traits sémantiques liés au sujet de l'énoncé. Le problème sera alors de distinguer deux types d'unités sémématiques pour expliciter un conflit entre le Narrateur et le Personnage.

02  
\*SI\*  
#